

MÉTODO ONTOLÓGICO MARXISTA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*Marxist Ontological Method And Its
Contributions To Teacher Training*

Aline Cristina Santana Rossi¹



<https://orcid.org/0000-0002-8460-317X>



336

RESUMO

O presente artigo é instrumento por meio do qual apresentamos as linhas gerais do método marxista a partir das contribuições elaboradas por G. Lukács. Além disso, demonstramos a potencialidade analítica e investigativa deste método para a pesquisa em educação, com foco na formação de professores. Concluímos que a perspectiva ontológica, cuja centralidade está no objeto, é importantíssima para não incorrerem em posturas idealistas ou imobilistas e que a formação de professores deve prezar pela defesa do conhecimento científico teórico que seja capaz de se aproximar do movimento essencial do objeto em suas múltiplas determinações.

Palavras-chave: Método. Formação de Professores. Educação.

ABSTRACT

This article is an instrument through which we present the general lines of the marxist method based on the contributions made by G. Lukács. In addition, we demonstrate the analytical and investigative potential of this method for research in education, with a focus on teacher education. We conclude that the ontological perspective, whose centrality is in the object, is very important so that we do not fall into idealistic or immobilist postures and that teacher training must value the defense of theoretical scientific knowledge that is capable of approaching the essential movement of the object in its multiple forms. determinations.

Keywords: Method. Teacher training. Education.

¹ Doutoranda em Educação no PPGEDU/UFMS em Campo Grande, MS. E-mail: alinesantanarossi@gmail.com
Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.23, n. 16, p. 336-352, jan/dez 2023.

Introdução

A questão metodológica no interior das ciências sociais e, mais especificamente, no âmbito da pesquisa em educação já foi abordada por diversos autores de matrizes filosóficas, epistemológicas e teóricas distintas. Não é nosso objetivo analisar todo este percurso.

Neste artigo tratamos do método ontológico marxista em suas potencialidades para compreensão da formação de professores em suas múltiplas relações com a atual forma de sociabilidade em sua crise mais aguda e extensa já enfrentada.

O objetivo com o presente escrito é explicitar a compreensão lukácsiana a respeito da teoria social instaurada por Marx em suas potencialidades para a pesquisa a respeito da formação de professores. Com o avanço da crise estrutural do capital a partir de meados de 1970 até os dias atuais (MÉSZÁROS, 2011), a formação de professores, cada vez mais, tem perdido sua densidade teórica e acentuado a hegemonia de perspectivas pragmáticas e utilitaristas, conforme as pesquisas desenvolvidas por Duarte (2018) e Saviani (2009).

337

Escolhemos esta abordagem metodológica, porque compreendemos que o método ontológico marxista possibilita uma defesa da integridade humana contra todas as deturpações e/ou alienações que possa sofrer, incluso, na formação de professores e na pesquisa educacional. Isso se dá, pois a teoria social marxiana atende aos interesses essenciais que emanam da classe trabalhadora. Isso significa ir completamente na contramão dos objetivos e dos interesses mercadológicos que, mediadamente, se fazem sentir cada vez mais nos rumos da ciência educacional.

Defender os interesses dos trabalhadores implica em prezar pelas formas de conhecimento que possibilitem uma compreensão da realidade social – enquanto totalidade – para além de suas camadas mais imediatas e fenomênicas. Além disso, implica o exercício da crítica no sentido de confrontar os discursos, teses e ideologias com o conjunto do processo histórico real em seu movimento mais íntimo.

Dividimos este artigo em mais 02 partes: na sequência demonstramos explicitamente a especificidade do método marxista em seus fundamentos mais essenciais e específicos prezando por

sua contribuição à formação de professores. Por fim, nossas considerações finais a respeito deste importante debate que recoloca em cena a premissa da defesa efetivamente humanista na produção do conhecimento educativo. É preciso chamar a atenção para o fato de que o estudo do método em Marx é um exercício que, perante os que quiserem seguir este caminho, se apresenta pleno de dificuldades e obstáculos de toda ordem. Contudo, isso não é exclusivo apenas ao pensamento marxista, mas sim, a todos autores clássicos. Porém, vale lembrar que em qualquer ciência não existe caminho fácil e “somente aqueles que não temem a fadiga de galar suas trilhas escarpadas têm chance de atingir seus cumes luminosos” (MARX, 2013, p. 132).

Teoria Social Marxiana em uma Abordagem Ontológica

Lukács (2012) estava empenhado em escrever os fundamentos gerais de uma Ética baseada na luta pela emancipação humana. Contudo, sentiu a necessidade em redigir uma introdução que explicitasse os elementos gerais pelos quais os seres humanos se formam, se relacionam e, também, se desumanizam. Essa “introdução” acabou se tornando a obra *Para uma Ontologia do Ser Social*, na qual o filósofo húngaro (na primeira parte) discute com as correntes filosóficas do existencialismo e da fenomenologia; debate com o idealismo hegeliano e expõe a abordagem ontológica do pensamento marxiano. Na segunda parte, ele trata do trabalho enquanto categoria fundante do ser social, avança para os delineamentos da reprodução social, chega à problematização do fenômeno ideológico e, termina, explicando a dinâmica da alienação.

Nesse aspecto, é fundamental iniciar pela explicitação do significado de perspectiva ontológica. Em todo processo de conhecimento existe um sujeito e um objeto. Afirmar que a teoria social de Marx possui uma abordagem ontológica significa dizer que a centralidade está no objeto. Todavia, isto tampouco indicaria que o sujeito que investiga teria um papel secundário. Por outro lado, o sujeito tem um papel ativo, contudo, ativo no sentido de mobilizar os conhecimentos disponíveis – criticamente – para extrair do objeto sua própria lógica. Isto é perceptível quando Marx (2013) afirma:

De modo algum retrato com cores róseas as figuras do capitalista e do proprietário fundiário. Mas aqui só se trata de pessoas na medida em que elas constituem a personificação de categorias econômicas, as portadoras de determinadas relações e interesses de classes. Meu ponto de vista, que apreende o desenvolvimento da formação econômica da sociedade como um processo histórico-natural, pode menos do que qualquer outro responsabilizar o indivíduo por relações das quais ele continua a ser socialmente uma criatura, por mais que, subjetivamente, ele possa se colocar acima delas. (MARX, 2013, p. 115-116)

O trecho de Marx (2013) deixa claro que os conceitos e as categorias, para ele, são expressões de lógicas, processualidades e dinâmicas reais e existentes. Para a abordagem ontológica implica “revelar”; “explicitar” e “traduzir” a essência do objeto como ele é em seu movimento histórico de constituição e desenvolvimento. Por isso que Lukács afirma que os enunciados de Marx são “enunciados diretos sobre certo tipo de ser, ou seja, são afirmações puramente ontológicas” (LUKÁCS, 2012, p. 281). Os conceitos e as categorias marxianas não possuem respaldo no plano subjetivo meramente ou de modo descolado do real. Os conceitos e as categorias são abstrações intelectuais que partem da objetividade para o pensamento e não o contrário. Por isso mesmo que:

339

A investigação tem de se apropriar da matéria [*Stoff*] em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexos interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Se isso é realizado com sucesso, e se a vida da matéria é agora refletida idealmente, o observador pode ter a impressão de se encontrar diante de uma construção a priori. (MARX, 2013, p. 128-129)

Apropriar-se do objeto implica que o sujeito seja capaz de apreender a lógica própria do objeto e não imputar-lhe uma dinâmica de fora. Com efeito, “é a realidade social enquanto critério último do ser ou do não-ser social de um fenômeno” (LUKÁCS, 2012, p. 284). A teoria não se conforma, portanto, numa série de preceitos para serem “aplicados” ao objeto. A teoria será uma forma de conhecimento que funciona como *tradução* de processos e dinâmicas reais, para além de suas aparências.

Lukács (2012) explica que justamente nesse ponto reside a crítica de Marx a Hegel. Para Hegel as conexões se baseiam em “esquemas lógicos”, enquanto que em Marx há a exigência da “investigação ôntica concreta (ontológica)” (LUKÁCS, 2012, p. 284). Essa compreensão inclusive permite compreender a preocupação marxiana com o complexo social da economia. Esse complexo

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.23, n. 16, p. 336-352, jan/dez 2023.

social terá a função na reprodução das sociedades de permitir a própria produção das condições materiais da existência social. Nesse aspecto, não se trata de nenhum “economicismo” de Marx. Trata-se, isto sim, de uma abordagem que não descola os elementos do conhecimento, por exemplo, de sua base real e concreta. Dessa forma, Marx “contrapôs a exigência de levar em conta, de modo concreto e materialista, todas as relações da vida humana e, antes de tudo, as relações histórico-sociais” (LUKÁCS, 2012, p. 284-285).

O real, em toda sua complexidade e magnitude histórica e contraditória precisa ser levado em consideração sob a penalidade da não produção do próprio conhecimento científico. Marx (2013) é muito claro ao afirmar que:

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto e traduzido na cabeça do homem. (MARX, 2013, p. 129)

340

Por isso mesmo não optamos em nenhum momento pela expressão “materialismo histórico-dialético”. Esta expressão, mesmo que seja a mais usual, não traduz a especificidade da sua teoria social. A impressão que este termo carrega transmite o falso entendimento de que Marx apenas juntou a perspectiva materialista, com a dialética de Hegel em uma abordagem histórica... Nada mais contrário ao seu método.

A abordagem de Lukács (2013) demonstra, corretamente, o que é específico do método do pensador alemão. No centro da teoria marxiana está o processo de autoconstrução humana, ou seja, o processo pelo qual os seres humanos se autoformam e, ainda, os obstáculos (alienações) que a própria humanidade cria. Humanização e desumanização como problemas reais e práticos. Nesse ponto, parte-se do trabalho enquanto “categoria central, na qual todas as outras determinações já se apresentam *in nuce*” (LUKÁCS, 2012, p. 285, destaque do original).

Antes de avançarmos, também aqui, são importantes alguns esclarecimentos. Não se trata de resumir tudo à questão do trabalho. O trabalho, compreendido como intercâmbio entre a sociedade e a natureza para a produção das condições materiais da vida em sociedade, é um elemento que junto

com relações sociais e comunicação, permitirá o surgimento do ser social, ou seja, da humanidade. A partir disso, outros complexos sociais (educação, arte, ciência, filosofia, política, ideologia etc.) irão se originar, se desenvolver, se relacionar e formar a *totalidade* social.

Lukács (2012) resgatando Marx irá explicar que o trabalho permitirá com que o ser humano, trabalhando, “atua sobre a natureza exterior e modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (LUKÁCS, 2012, p. 286). Essa dinâmica ocorre, pois os atos de trabalho sempre possibilitarão o surgimento de habilidades, técnicas, ideias, valores e conhecimentos que, por seu turno, incidirão sobre a própria individualidade humana e a sociedade como um todo.

No trabalho poderemos verificar um efetivo processo teleológico. Isto significa que a consciência irá estabelecer fins para atingir um determinado objetivo e atender uma necessidade real e, ao mesmo tempo, desencadeará processos reais e objetivos. A madeira e a pedra, por exemplo, continuarão com sua causalidade natural. Do próprio movimento, ou seja, da própria causalidade da natureza não deriva um machado. Para que isso ocorra é preciso uma ação teleológica efetiva por meio dos atos de trabalho (LUKÁCS, 2012).

341

Essa compreensão mostra como o ser social pressupõe o ser natural (orgânico e inorgânico). Contudo, “a ontologia marxiana do ser social exclui a transposição simplista, materialista vulgar, das leis naturais para a sociedade” (LUKÁCS, 2012, p. 286). Quanto mais avançam os atos de trabalho e os demais complexos sociais, mais o ser social estabelece desenvolvimentos e interações puramente sociais, ou seja, “a superação tendencial das formas e dos conteúdos de ser meramente naturais em formas e conteúdos sociais cada vez mais puros, mais próprios” (LUKÁCS, 2012, p. 286-287).

Com o pôr teleológico iniciado com os atos de trabalho, os seres humanos são confrontados com a necessidade de conhecerem aproximativamente a realidade da forma mais correta possível. Aliás, somente “sobre a base de um conhecimento ao menos imediatamente correto das propriedades reais das coisas e dos processos é que o pôr teleológico do trabalho pode cumprir sua função transformadora” (LUKÁCS, 2012, p. 288). Tal desdobramento irá configurar a base de um processo que Marx chama e Lukács (2012) desenvolve, conhecido por “recuo da barreira natural”. A natureza continuará sendo a base ineliminável para que ocorra a reprodução das sociedades e das individualidades. Contudo, cada vez mais, a maneira como as individualidades e as sociedades irão

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.23, n. 16, p. 336-352, jan/dez 2023.

se relacionar com os fenômenos naturais, será crescentemente mais social. A fome, por exemplo, continua a ser um dado biológico ineliminável. Todavia, hoje, saciamos a nossa fome de um modo completamente mais social do que há, por exemplo, os primeiros seres humanos de 300 mil anos atrás.

A preocupação marxiana com as condições materiais da reprodução da sociedade, não trata a economia como fenômenos “são isolados do conjunto das inter-relações do ser social como totalidade e, depois, analisados nesse isolamento artificial” (LUKÁCS, 2012, p. 291). Por outro lado, a preocupação de Marx “parte sempre da totalidade do ser social e volta a desembocar nessa totalidade” (LUKÁCS, 2012, p. 291).

A cientificidade da teoria social de Marx “não perde jamais o vínculo com a atitude ontologicamente espontânea da vida cotidiana” (LUKÁCS, 2012, p. 293). Isto é: o conhecimento científico em sua impostação ontológica não se perde em lucubrações fantasiosas, românticas ou idealistas. A ciência, nessa abordagem, possui preocupações práticas, com a vida cotidiana no sentido de “depurá-la de forma crítica e desenvolvê-la, elaborando conscientemente as determinações ontológicas que estão necessariamente na base de qualquer ciência” (LUKÁCS, 2012, p. 293). Essa abordagem, necessariamente, desemboca na crítica de toda teoria filosófica, epistemológica, educacional ou pedagógica que deturpe o ser humano, que parta de uma essência humana a-histórica e/ou imutável ou que tenta aplicar sobre o real as categorias que foram criadas apenas no plano da subjetividade sem qualquer tipo de preocupação com os problemas reais.

Essa concepção de crítica, inclusive, está presente na análise marxiana em seu confronto com os economistas políticos vulgares, pois

[...] a frase sobre ciência e a relação “fenômeno-essência” seja escrita por Marx no quadro de uma crítica aos economistas vulgares, em polêmica com concepções e interpretações absurdas do ponto de vista do ser, que se fecham nas formas fenomênicas e deixam inteiramente de lado as conexões reais. (LUKÁCS, 2012, p. 295)

Estamos lidando com uma concepção metodológica, que por sua própria natureza, implica a apreensão da realidade enquanto totalidade, isto é, enquanto um conjunto complexo de essência e aparência que, ao longo do processo histórico, desenvolve dinâmicas de rupturas e de

continuidades. Essa compreensão a respeito da totalidade e sua importância no processo investigativo é uma questão de ordem ontológica e não apenas “conceitual” ou subjetiva. É a realidade objetiva que se consubstancia em totalidades. Portanto, é do real para o conceitual e não o contrário.

Desse modo, explicação de Lukács (2012) a respeito do método em Marx apresenta uma forte crítica aos entendimentos rasteiros e limitados que desprezam a importância da reflexão teórica na produção do conhecimento. Na contemporaneidade, o capital, por meio dos órgãos do Estado, impõe um produtivismo insano e irracional aos pesquisadores e docentes dos programas de pós-graduação em Educação.

Artigos como que “simplesmente” discutissem algum conceito ou categoria a partir de um determinado método, infelizmente, são considerados “apenas teóricos”. Como se os conceitos de educação, trabalho, ideologia, totalidade, capital, contradição, essência, aparência etc. existissem apenas no plano da subjetividade e não na realidade concreta. A respeito desse “fetiche” pelo “empírico”, Lukács (2012) chama de “ontologismo ingênuo”, ou seja, “uma valorização instintiva da realidade imediatamente dada, das coisas singulares e das relações de fácil percepção” (LUKÁCS, 2012, p. 297).

343

Nesse sentido, na pesquisa em educação, os dados, as entrevistas, as análises documentais etc. precisam ser refletidos à luz de uma abordagem que consiga apreender a radicalidade da dinâmica histórica, enquanto totalidade e em suas contradições, como é o caso da ontologia marxiana. Supervalorizar uma pseudoanálise dos dados da realidade em detrimento da reflexão teórica, portanto, é uma atitude extremamente limitada e superficial.

Ao contrário desta postura, a perspectiva ontológica marxiana se baseia na “totalidade do ser na investigação das próprias conexões, e busca apreendê-las em todas as suas intrincadas e múltiplas relações, no grau máximo de aproximação possível” (LUKÁCS, 2012, p. 297). A prioridade, no processo investigativo, cabe ao objeto e em suas múltiplas determinações, pois:

A totalidade não é, nesse caso, um fato formal do pensamento, mas constitui a reprodução ideal do realmente existente; as categorias não são elementos de uma arquitetura hierárquica e sistemática, mas, ao contrário, são na realidade “formas de ser, determinações da existência”, elementos estruturais de complexos relativamente totais, reais, dinâmicos, cujas inter-relações dinâmicas dão lugar a

complexos cada vez mais abrangentes, em sentido tanto extensivo quanto intensivo (LUKÁCS, 2012, p. 297).

Com efeito, as categorias, conceitos e a própria teoria, como Lukács nos explica, entra em confronto direto com as posturas empiristas, existencialistas, fenomenológicas e pós-modernas. A lógica, na ontologia de Marx, não é um processo intelectualivo que deve dizer como a realidade é. Ao contrário, a lógica deve buscar “captar a legalidade de formações ideais puras e, portanto, homogêneas” (LUKÁCS, 2012, p. 297). Por isso mesmo, o método em Marx e em Lukács é a *tradução* de movimentos reais em suas tendências essenciais e históricas.

O filósofo húngaro nos explica que Marx compreende, do ponto de vista metodológico, dois complexos: “o ser social, que existe independentemente do fato de ser mais ou menos corretamente conhecido” e “o método de sua apreensão ideal mais adequada possível” (LUKÁCS, 2012, p. 303). Isto significa que, por exemplo, formação de professores, educação escolar, trabalho educativo etc. são categorias teóricas, todavia, antes de serem categorias teóricas, elas expressam conexões e processos efetivamente existentes no real, independente de serem pesquisados ou não. O método, por conseguinte, será o caminho mais adequado possível para apreender e explicitar, no plano do pensamento, esta dinâmica real, daí o primado ontológico.

Em decorrência desta prioridade ontológica no processo de conhecimento, é na própria realidade que se encontra o entendimento de que se trata de “uma totalidade dinâmica, uma unidade de complexidade e processualidade” (LUKÁCS, 2012, p. 304). Dessa forma, o materialismo em Marx rompe com o idealismo em ao menos dois aspectos: em primeiro lugar a compreensão de que o método corresponde ao processo do pensamento, ou seja, ao movimento que apreendeu o processo real e o traduziu idealmente e, em segundo lugar, a mudança do conceito obedece às mudanças efetivas e existentes na prática social e, com esses dois aspectos, evita “concepções especulativas infundadas” (LUKÁCS, 2012, p. 305).

No plano da pesquisa em educação também temos importantes lições aqui. Trata-se de mobilizar conhecimentos para captar a trama real em sua complexidade histórica e dinâmica e, ainda, efetivar uma preocupação com a própria prática social. Se o complexo social da educação escolar, por exemplo, enfrenta grandes dificuldades e obstáculos perante a socialização dos

conhecimentos mais elaborados perante todos os seres humanos, então, o engajamento deve ser ao mesmo tempo teórico e prático. Deve ser um engajamento teórico no que se refere ao imperativo de compreender o mais corretamente possível a gênese, a estrutura, o desenvolvimento, os obstáculos e as possibilidades da educação em face da totalidade social capitalista contemporânea. Ao mesmo tempo, também é uma empreitada prática, pois a teoria ao explicar o movimento essencial do real, precisa de ações efetivas que intervenham no real, sem utopismos, sem idealismos e sem especulações como a discussão de Lukács (2012) nos permite compreender.

A prioridade ontológica do real sobre o ideal também permite compreender que é sempre a realidade objetiva, enquanto complexo e totalidade, que coloca o campo de limites e de possibilidades para os outros complexos e dimensões sociais atuarem. Em outras palavras: “quando atribuímos uma prioridade ontológica a determinada categoria com relação a outra, entendemos simplesmente o seguinte: a primeira pode existir sem a segunda, enquanto o inverso é ontologicamente impossível” (LUKÁCS, 2012, p. 307). A produção da vida em sociedade, em seu sentido amplo, é fundamental em ser considerada na pesquisa, pois:

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência (MARX, 2008, p. 47)

Não se trata, todavia, de alguma postura mecanicista ou hermética com relação ao entendimento da expressão “determina”. Trata-se, isto sim, do entendimento de que a vida social enquanto totalidade, coloca as oportunidades e os obstáculos para as consciências e os demais complexos sociais atuarem e se desenvolverem reciprocamente. Por isso o entendimento marxiano de que não pode haver consciência sem um ente real e efetivo, não implica nenhum mecanicismo ou conexão rígida ou hermética. Indica, por outro lado, que sempre um elemento ou complexo exercerá o papel de “momento predominante”, isto é, a totalidade, por exemplo, é o momento predominante

na delimitação das oportunidades e dos obstáculos para a educação atuar em face de um período histórico que estivermos analisando.

A totalidade social capitalista, na atualidade, coloca inúmeras e diversas fronteiras entre os trabalhadores e o conhecimento científico, por exemplo. Este entendimento não é delimitado pelo próprio complexo da educação exclusivamente. Por outro lado, emana das interações entre educação, totalidade social e o trabalho enquanto matriz fundante de toda forma de sociabilidade.

Esta compreensão ajuda a eliminar todo entendimento simplista que sem apreender profundamente o método de Marx, imputa-lhe um “economicismo” atroz. Nada mais avesso à teoria social marxiana, pois “o mundo das formas de consciência e seus conteúdos não é visto como produto imediato da estrutura econômica, mas da totalidade social” (LUKÁCS, 2012, p. 308). Estamos diante, pois, de um radical historicismo na apreensão dos fenômenos sociais investigados, inclusive, com um “senso de realidade” – como aponta Lukács (2012) que se enriquece “pelo conhecimento filosófico tanto na compreensão da totalidade dinâmica quanto na justa avaliação do quê e do como de cada categoria singular” (LUKÁCS, 2012, p. 310).

346

A totalidade social, entendida enquanto síntese qualitativa das múltiplas relações históricas que os complexos sociais (educação, arte, ciência, filosofia, política, ideologia etc.) exercem uns sobre os outros, só pôde existir e se desenvolver graças à capacidade humana em efetuar atos de trabalho. O trabalho, por sua vez, compreendido como transformação da natureza para a produção das condições materiais da existência social. A natureza fornece ao ser social, isto é, aos seres humanos, a matéria-prima, ou seja, as bases. Todavia, como esclarece Lukács (2012), do movimento da própria natureza não deriva um machado. Para que isso ocorra é preciso um movimento ideal e prático da ação humana, orientada a um fim. Aqui reside o papel da consciência no ser social em apreender o mais corretamente possível os elementos presentes na própria realidade para que a intervenção possa ser eficaz (LUKÁCS, 2012).

Um esclarecimento antes de prosseguirmos: a categoria da totalidade, no método ontológico marxista, é importante não em função de alguma justificativa de ordem epistemológica ou gnosiológica. A totalidade é importante em ser considerada na pesquisa para quem quiser trabalhar com este método em razão da própria realidade. É o real que se movimenta enquanto totalidade e que precisa ser desvendado na pesquisa em educação, como em nosso caso.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.23, n. 16, p. 336-352, jan/dez 2023.

Contudo, afirmar a importância da totalidade não significa “apanhar tudo” ou “dar conta de tudo”. Significa, isto sim, que qualquer fenômeno ou objeto só ganha sentido e significação se articulado às múltiplas determinações que exerce com os demais complexos sociais, por isso o objeto é se aproximar da totalidade e do concreto, já que este é compreendido como “síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade” (MARX, 2011, p. 77).

Com isso, a reprodução ser social será marcada por uma incessante dinâmica histórica entre os complexos sociais que irrevogavelmente produzirá sempre o novo: novas habilidades, novos conhecimentos, novas técnicas, novas ideias, novas necessidades sociais, novos atos de trabalho e assim por diante ao longo do processo histórico (LUKÁCS, 2012). Por isso que “um pôr teleológico sempre vai produzindo novos pores, até que deles surgem totalidades complexas, que propiciam a mediação entre homem e natureza de maneira cada vez mais abrangente, cada vez mais exclusivamente social (LUKÁCS, 2013, p. 205). A sociedade será cada vez mais um “complexo de complexos” (LUKÁCS, 2013).

Quando Lukács (2012) afirma a necessidade de compreensão aproximada do real, ele, contudo, não está se referindo aos dados mais imediatos da aparência fenomênica. Por outro lado, o filósofo diz respeito às leis tendenciais que operam, se dinamizam, entram em contradição e emergem ao longo do tempo histórico. A essência não é compreendida, como nos gregos ou nos pensadores medievais, enquanto algo estático e imutável, em última instância, a-histórico. Com efeito, em razão disto que a dialética é “incompreensível para quem não é capaz de colocar-se acima daquela visão primitiva da realidade, segundo a qual só se reconhece como materialidade [...] uma suposta atividade autônoma da consciência” (LUKÁCS, 2012, p. 314).

No que se refere à pesquisa na área de formação de professores, perante todo exposto anteriormente, ao menos duas contribuições são passíveis de extrair do método ontológico marxista. *Primeira contribuição:* a centralidade do objeto. Como argumentamos anteriormente, no processo de produção do conhecimento científico é necessário não lucubrar, fantasiar ou colocar nossos anseios acima daquilo que o objeto tem revelado, com o trabalho da pesquisa.

É muito frequente observarmos no senso comum pedagógico entendimentos que colocam um peso muito grande na educação como se ela fosse capaz de acabar com as desigualdades sociais, promover um desenvolvimento nacional sustentável, ser “emancipadora” e outros adjetivos.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.23, n. 16, p. 336-352, jan/dez 2023.

Contudo, como o método ontológico marxista nos ensina, a educação não está descolada de uma totalidade social que, em nosso caso, é a sociedade regida pelos imperativos do capital. Nesta sociedade, vale sempre lembrar que a produção de mercadorias no capitalismo é o valor de troca que subordina o valor de uso. Esta dinâmica na esfera da produção social faz com que as desigualdades que ocorrem no âmbito do processo de trabalho se disseminem em todos os complexos sociais, incluindo a educação e a formação de professores. Queremos, portanto, uma educação que possibilite todos os seres humanos se desenvolverem plenamente em todas as suas necessidades e potencialidades somente será possível se a exploração sobre o processo de trabalho for erradicada em absoluto.

Isto nos leva à *segunda contribuição*: a defesa incansável da integridade humana. O método ontológico marxista está impregnado de um autêntico humanismo. A sociedade regida pelo capital, ou seja, pelos interesses dos grandes conglomerados e agentes econômicos coloca em primeiro plano as necessidades de reprodução dos lucros, mesmo que isso, na prática social, represente guerras, fome, destruição ambiental e outras barbáries.

348

Na pesquisa sobre a formação de professores é preciso demonstrar historicamente e cientificamente a origem e o funcionamento da sociedade capitalista para superarmos as ilusões de que a presente forma de sociabilidade seja formada apenas por “grupos” ou “indivíduos” e que o conceito de classes sociais está ultrapassado. Abrir mão do estudo do modo de produção capitalista é desconsiderar a objetividade em que a educação e o conhecimento se relacionam em suas múltiplas determinações com a economia, a política, o trabalho, a ciência, a arte etc.

Mais do que nunca se torna importante a defesa, na formação de professores, dos conhecimentos clássicos das ciências, das artes e da reflexão filosófica para que os estudantes possam compreender a realidade social em suas diversas contradições e para muito além de suas camadas mais epidérmicas e fenomênicas. Este objetivo é completamente contrário àquele que emana da natureza das classes dominantes.

Considerações Finais

Neste artigo demonstramos, em linhas gerais em função do próprio espaço do qual dispomos, a especificidade do método ontológico instaurado por Marx (2013) e desenvolvido por Lukács (2012; 2013). A teoria social marxista não pode ser confundida apenas como uma soma do materialismo, com a dialética hegeliana em uma abordagem histórica. O relacionamento de Marx (2013) com os filósofos materialistas, com o próprio Hegel e os economistas políticos ingleses foi um relacionamento de crítica, no preciso sentido de que a crítica, para ele, consiste em analisar as teorias, verificando os “seus fundamentos, os seus condicionamentos e os seus limites – ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais” (PAULO NETTO, 2011, p. 18).

O método ontológico marxista não parte de especulações ou de conceitos criados *a priori* e, portanto, antes do início do próprio processo investigativo. Nesse sentido, se entendemos por método um conjunto de regras formais, extraídas apenas da subjetividade sem necessariamente ter correspondência com o real e as quais o pesquisador precisaria “aplicar” sobre seu objeto, então, neste exato sentido, não há um método em Marx (2013).

Por outro lado, como explicitamos na mesma esteira de Lukács (2013), o método marxista é a *tradução e explicitação* da lógica própria do objeto próprio investigado. No caso da pesquisa em formação de professores, trata-se da premência em compreender a centralidade ontológica do objeto no âmbito da ciência. Trata-se de uma grande contribuição deste método, como demonstramos anteriormente. Para que o pesquisador possa extrair a dinâmica essencial do objeto ele precisa se apropriar de uma sólida base teórica no campo das ciências, das artes e da filosofia.

A dialética do trabalho em Marx (2088; 2013) possibilita compreender as contradições que se fazem presentes no âmbito da produção da própria existência social e que não ficam restritas apenas à dimensão da economia. Ao mesmo tempo em que o trabalho possibilitou os seres humanos produzirem conhecimentos, habilidades, técnicas e valores e, com isso, possibilitou ainda o próprio desenvolvimento e complexificação das sociedades e das individualidades; nesta sociedade,

comandada pelos interesses do capital, o trabalho se transforma em fonte de desumanização e de barbárie.

O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador. (MARX, 2010, p. 82)

Essa contradição entre o caráter humanizador e desumanizador do trabalho também se manifesta na dimensão educacional em todos os seus aspectos. A pesquisa em educação que possui como objetivo primordial a formação de intelectuais no campo educacional que prezem pela análise da realidade objetiva em seus vínculos com esta dimensão social, cada vez mais, têm sofrido os impactos das lógicas que o mercado impõem. Justamente em função desta constatação esta outra relevante contribuição do método ontológico marxista para a pesquisa na área da formação de trabalhadores: a defesa da integridade humana para além e contra todo e qualquer tipo de alienação.

350

Isto significa, dentre vários outros elementos, defender um processo de pesquisa e de formação que promova a valorização das objetivações intelectuais mais desenvolvidas e elaboradas pelo gênero humano para que, enfim, a realidade em suas múltiplas determinações possa ser compreendida e transformada em função das autênticas necessidades humanas e não mercadológicas. Não nos falta conhecimentos para isso e é preciso lembrar que “a humanidade não se propõe nunca senão os problemas que ela pode resolver” (MARX, 2008, p. 48).

Referências

DUARTE, N. O Currículo em Tempos de Obscurantismo Beligerante. **Revista Espaço do Currículo**, v. 11, n. 02, p. 139-145, 2018.

MARX, K. **Prefácio - Contribuição à crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. **O Capital: crítica da Economia Política – Livro I – O processo de Produção do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.23, n. 16, p. 336-352, jan/dez 2023.

MARX, K. **Grundrisse** – Manuscritos econômicos de 1857-1858 – Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2011.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social – I**. São Paulo: Boitempo: 2012.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social – II**. São Paulo: Boitempo: 2013.

PAULO NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SAVIANI, D. Formação de Professores: Aspectos Históricos e Teóricos do Problema no Contexto Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v.14, n. 40, p. 143-155, 2009.

Recebido em: 18/06/2026

Aceito em: 04/07/2023

Publicado em: 16/08/2023

Total de Avaliadores: 02

351

Pareceres Abertos

Parecerista – Mariana de Cássia Assumpção

O texto submetido está bem escrito e traz uma análise importante sobre a formação de professores no contexto da sociedade atual, marcada pela influência de concepções utilitaristas e pragmáticas sobre educação escolar e trabalho docente.

O título, resumo e palavras-chaves estão coerentes e sintetizam adequadamente o que foi desenvolvido ao longo do artigo. Os conceitos e reflexões abordadas tem solidez e coerência teórica. O texto está de acordo com as normas da revista, a linguagem é clara e objetiva ao leitor sem deixar de ter rigor científico.

Diante do exposto sou favorável à publicação.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol.23, n. 16, p. 336-352, jan/dez 2023.

Parecerista Jucilene de Souza Ruiz

O artigo intitulado “Método Ontológico Marxista e suas Contribuições para a Formação de Professores” traz elementos teóricos importantíssimos para a compreensão do método ontológico marxista a partir das contribuições elaboradas por Lukács.

O autor(a) consegue durante todo o texto dialogar com os clássicos Marx e Lukács para compreender o método, cuja centralidade está no objeto, para assim, analisar a formação de professores não desvinculada da totalidade social.

Sendo assim, o presente artigo está aprovado. Pois, é de grande relevância para a pesquisa em educação, principalmente para os estudos sobre a teoria social instaurada por Marx.

352